

Antropologia no estado de São Paulo no século XXI – USP, PUC/SP, UNICAMP e UNESP/Marília

Talita Prado Barbosa Roim¹

Resumo

Com base em pesquisas nas principais universidades do estado de São Paulo que oferecem graduação em Ciências Sociais – Universidade de São Paulo; Universidade Estadual de Campinas; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade Estadual Paulista –, temos como objetivo refletir sobre os fundamentos da antropologia enquanto disciplina e o seu ensino nos cursos de graduação em ciências sociais, privilegiando a relação entre ensino, aprendizagem e pesquisa, ou seja, a problemática da observação participante tão relevante para a formação do antropólogo. Consequentemente busca-se compreender o formato e a adequação dos currículos à pesquisa de campo, ao estabelecimento de um equilíbrio entre formação teórico-metodológica e a formação prática, dentre outros aspectos. Teoricamente, faremos um diálogo com os cientistas sociais que iniciaram as discussões sobre o tema no início dos anos 1990 com seminários e publicações realizadas nesse período, como por exemplo, o evento ocorrido na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que reuniu profissionais vinculados às principais instituições do país, ou ainda encontros, promovidos pela Associação Brasileira de Antropologia nas reuniões bianuais dos últimos vinte anos, em sua Comissão de Ensino. Tais discussões contribuirão para pensarmos sobre o ensino da antropologia no Brasil e o desenvolvimento de um pensamento sobre a pluralidade e singularidade no campo da disciplina no país, além dos limites e possibilidades do ensino e aprendizagem da pesquisa de campo.

Palavras-chave: Antropologia. Graduação. Ensino e Aprendizagem. Ensino de Antropologia. Pesquisa.

Between do and teach Anthropology: the undergraduate in social sciences in the State of São Paulo

Abstract

Based on research at major universities of São Paulo that offers degrees in Social Sciences - University of São Paulo; Campinas State University; Pontifical Catholic University of São Paulo and Paulista Estadual University - we aim to reflect on the foundations of anthropology as a discipline and its teaching in undergraduate courses in social sciences, focusing on the relationship between teaching, learning and research, ie the problem participant observation as relevant to the formation of the anthropologist. Consequently seeks to understand format and the adequacy of curricula to field research, the establishment of a balance between theoretical and methodological training and practical training, among other aspects. Theoretically, we dialogue with social scientists who initiated the discussions on the subject in the early 1990s with seminars and publications during this period, such as the event occurred at the State University of Rio de Janeiro, bringing together professionals linked to major the country's institutions, or meetings, promoted by the Brazilian Association of Anthropology in the biannual meetings of the last twenty years in its Education Committee. Such discussions help to think about the anthropology of education in Brazil and the development of a thought about the plurality and singularity in the field of discipline in the country, beyond the limits and possibilities of teaching and learning field research.

Keywords: Anthropology. Graduation. Teaching and Learning. Teaching Anthropology. Research.

¹ Mestre e Doutoranda em Ciências Sociais - UNESP/Marília. Bacharel em Turismo - FAEF/Garça; Bacharel e Licenciatura - UNESP/Marília. Professora de Ensino Superior da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista – FAIP.

Introdução – Ciências Sociais entre teoria e práxis: o vazio existente entre a abstração e a realidade

Existe um incômodo, uma inquietação intelectual diante do curso de ciências sociais que pode ser classificado, num âmbito geral, de um vazio existente entre a teoria e a prática. Um problema epistemológico que afeta não apenas o curso de ciências sociais, mas a sociedade e a cultura ocidental como um todo.

Há um discurso presente no senso comum de que “a teoria é diferente na prática”, uma perspectiva que se tenta combater no campo científico, mas também nele encontramos barreiras e dificuldades para desnaturalizar essa concepção, tão enraizada em nossa cultura.

Essa é uma característica do modo de produção que vivenciamos e que tende cada vez mais fragmentar o saber e enfatizar um conhecimento imediato, livre de reflexão ou crítica. Dentro desse contexto, a antropologia também se encontra numa “Era da Confusão”, (Maybury-Lewis, 2002) em um “mundo de cabeça para baixo” (Castro, 1998) onde precisa ser renovada e pensada por meio de novas perspectivas, revendo antigos problemas sob novos olhares.

Um dos problemas que permeia as disciplinas de antropologia é a metodologia da etnografia e sua ênfase prática, na realização do trabalho de campo. É consenso que o trabalho do antropólogo acontece na prática com a experiência do campo.

É por meio da vivência que será possível consolidar a pesquisa e compará-la ou refutá-la às hipóteses iniciais do trabalho, de forma que teoria e prática façam parte de um mesmo processo de construção do conhecimento.

A partir dessa denominação do trabalho do antropólogo é que surgem algumas críticas sobre a formação desse profissional.

Como fazer com que um curso de antropologia se aproxime da realidade do aluno, em um mundo desconectado entre teoria e prática – denominado por alguns de mundo moderno, por outros, de pós-moderno –, que envolve uma velocidade de informações e novas tecnologias?

Empregos, cada vez mais, exigem qualificações e especialização para desempenharem os mais diversos ofícios. No entanto, essas qualificações são de cursos rápidos, tecnológicos ou práticos, para que o indivíduo se habitue a trabalhar com determinados equipamentos ou sistemas de informação e tecnologias.

Aparentemente o curso de ciências sociais não oferece uma finalização prática para o conhecimento adquirido, o jovem cientista social não consegue criar esse vínculo, fazer com que o conhecimento adquirido seja aplicado de maneira a vê-lo em sua totalidade.

Além dessas questões teóricas, tem-se um vazio entre a teoria e a realidade que nos coloca em xeque e nos faz viver algo bastante conhecido e disseminado entre professores e alunos, a crise das ciências sociais, que parece estar presente ao longo do curso.

Crises fazem parte da formação intelectual do aluno, mas, algumas vezes, tornam-se um empecilho quando o impede de obter caminhos que o levem ao entendimento e ao avanço do conhecimento. As crises podem ocorrer porque a realidade da pesquisa na universidade não está disponível a todos os discentes, esse quesito, essencial à formação no Ensino Superior, tão visado e exaltado pelas universidades, faz parte da vida acadêmica de uma pequena minoria.

Diante de tais considerações, uma questão se coloca e nos chama a pensar, o que faz o cientista social após a conclusão do curso de graduação? Será ele capaz de utilizar seu conhecimento para encontrar emprego, para viver e se dedicar a uma vida como intelectual?

É na pesquisa, com o trabalho de campo, que isso se torna possível. É como um trabalho artesanal, realizado de maneira completa que se pode chegar à compreensão do que é o seu ofício, do que o cientista social é habilitado a realizar.

Por que afinal, a pesquisa deve ser privilégio da pós-graduação? Por que todos os graduandos não conseguem ter acesso a essa descoberta, se a base da antropologia é exatamente a pesquisa, como meio para a construção do pensamento crítico de uma determinada realidade?

A junção do abstrato e da realidade nos cursos de ciências sociais está na própria experiência. Uma vez que livros, por mais detalhistas que sejam não conseguem atender à especificidade de cada investigação e a busca individual de cada pesquisador.

No entanto, esta busca individual depara-se com o problema da subjetividade na pesquisa, e, portanto, da imprecisão existente na ciência social, ou mesmo na negação de que seja uma ciência. As subjetividades no cotidiano da pesquisa são consideradas pormenores do resultado final que a pesquisa deve compreender.

Nesse sentido, não pretendemos apenas encontrar caminhos para que os cursos de ciências sociais ofereçam ferramentas que permitam ao aluno aproximar-se do *anthropological blues*. Mas discutir, também, sobre elementos que humanizam esses cursos e identificar, em seu cotidiano, os problemas tidos como formais e legitimados pela comunidade acadêmica, que reconhece, pelo menos na retórica, a existência de “um buraco negro” entre a abstração – o conhecimento adquirido – e a prática, que levam o aluno a evadir-se dos cursos, às crises existenciais e a não compreensão de como utilizar a sua formação no seu cotidiano. O problema que percebemos não se resume apenas em conseguir ou não um emprego, mas à compreensão e o situar-se na profissão, ser capaz de desvendar o que é do âmbito das ciências sociais, como um cientista social pode atuar e qual postura deve ter.

Em observação nas universidades podemos perceber a falta de identidade profissional do cientista social entre os estudantes, com algumas diferenças e semelhanças entre elas. Dentre as muitas semelhanças, constatamos as incertezas sobre o curso e como atuará profissionalmente após a formatura, o sentimento do vazio existente entre teoria e prática nas disciplinas, o descuido do curso em mediar e amenizar o despreparo para exercitar sua profissão e como entrar no mundo do trabalho. Essas são algumas questões que permeiam a vida e a realidade dos alunos dos cursos de ciências sociais no estado de São Paulo.

Esse artigo é composto por relatos de experiências e impressões obtidas a partir de questionário e do trabalho de campo realizado entre 2009 e 2010, com um trabalho exploratório na Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Universidade Estadual Paulista, campus de Marília (UNESP/Marília). Nesse momento da pesquisa puderam ser desenvolvidas reflexões a partir do que foi construído teoricamente e do que foi observado, com o objetivo de debater sobre as hipóteses da necessidade da prática do trabalho de campo nas disciplinas de antropologia e sua ausência ao longo do curso, a qual está presente, na maioria dos casos, no último ano do curso, com a obrigatoriedade do trabalho de conclusão de curso (TCC). Desse modo, analisamos cada curso de graduação como campos mediados por relações de forças que se sustentam com as disputas e interesses do alunato na escolha da universidade para graduar-se em ciências sociais.

O trabalho de campo na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

A UNICAMP foi a primeira universidade com que estabelecemos contato, chegamos à cidade em uma madrugada de segunda-feira, sem conhecê-la, esperamos o amanhecer na rodoviária da cidade, com informações de funcionários do local, chegamos ao ponto de ônibus que nos levaria ao campus da universidade.

Após mais de uma hora de viagem chegamos ao destino. Uma universidade bastante grande, dividida por faculdades e institutos conforme as diversas áreas do conhecimento.

O curso de ciências sociais está localizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), onde pudemos perceber uma diferença de *status* na arquitetura dos prédios que o compõe, se comparado aos outros institutos e faculdades. É visível o descaso com a preservação e manutenção dos prédios administrativos e de aulas que são destinados aos cursos de filosofia, ciências sociais e história. No entanto, as aulas são bem distribuídas e as salas arejadas. O instituto conta com uma

ampla biblioteca e um corpo de funcionários prontamente disponível e disposto a atender à demanda de professores, alunos e visitantes.

A partir da pesquisa quantitativa realizada, mediante a aplicação dos questionários², os dados apontam que 28,4% dos alunos desejam adquirir conhecimentos para ampliar-se intelectual e culturalmente. Avaliando os questionários, poucos alunos se mostraram preocupados com a profissão, com uma entrada mais imediata no mundo do trabalho. A maioria deseja ingressar na Pós-Graduação³, como sendo a única saída para o cientista social.

No entanto, nas observações e entrevistas realizadas, existe certo receio entre os estudantes sobre seu futuro e o que as ciências sociais podem oferecer para o seu crescimento pessoal e também profissional.

Dentre as entrevistas, destaca-se a realizada com um grupo de seis estudantes do primeiro ano de ciências sociais. Os alunos se mostraram satisfeitos sobre a “liberdade de escolha” das disciplinas⁴, que segundo os entrevistados, consiste em um aspecto positivo, na medida em que o aluno tem possibilidade de montar seu próprio cronograma de aulas, propiciando assim, uma “formação mais plena, com conhecimento mais diversificado, podendo escolher disciplinas até mesmo fora das ciências sociais”⁵. Já o aspecto negativo apontado pelo grupo, que iniciou um debate caloroso sobre a forma que se constitui o curso na universidade, seria a questão da organização da grade, “um problema didático para a escolha da disciplina”⁶.

Nesses dois depoimentos escolhidos para serem debatidos, é possível encontrar uma contradição, pois ao mesmo tempo em que os alunos dizem satisfeitos com a liberdade de escolha, se deparam com um problema ao não conseguir conciliar todas as disciplinas, ou não conseguir organizá-las durante o semestre de modo que apresentem uma continuidade no processo de aprendizagem.

O grupo também descreveu as áreas de antropologia e ciência política como as que mais oferecem disciplinas flexíveis, no sentido de promover debates e uma maior participação dos alunos.

² Como informado anteriormente, os questionários foram aplicados no final do ano de 2009 na Universidade Estadual Paulista – Unesp, campus de Marília (97 questionários); Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (81 questionários); Universidade de São Paulo – USP (70 questionários) e; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP (74 questionários), totalizando 322 questionários aplicados entre alunos de primeiro ao quinto anos dos cursos de graduação em ciências sociais oferecidos por essas instituições.

³ Do total de alunos participantes da entrevista na Unicamp, 1,2% fazem ciências sociais visando emprego e 67,9% tem interesse em, após a formação na graduação, ingressar na pós-graduação.

⁴ Na UNICAMP o curso é composto por sistema de créditos em que os alunos, em cada semestre, devem cumprir um determinado número de créditos, podendo optar por quais disciplinas desejam cursar de acordo com as que são oferecidas semestralmente.

⁵ Depoimento de um dos participantes do debate que expôs sua opinião sobre o assunto, em que todos fizeram menção de que essa opinião fosse considerada na pesquisa, pois todos os presentes compartilhavam da mesma.

⁶ Conclusão que o grupo entrevistado chegou para a forma que se constitui a grade curricular do curso.

O grupo apontou, ainda, que nas disciplinas de antropologia existe a possibilidade de se realizar atividades fora da sala de aula e ter um contato maior com a pesquisa, já que tem como avaliação de final do curso trabalhos de campo, com temas relacionados ao conteúdo teórico.

Houve um considerável número de insatisfações sobre a maneira como disciplinas estão organizadas. No caso da antropologia, indicam não haver conexão entre as disciplinas ofertadas no primeiro semestre com as do segundo semestre.

Os estudantes apontaram, também, que percebem uma maior apreensão dos temas abordados nas aulas com as disciplinas práticas.

Nas aulas expositivas só escutamos. Já nas aulas que permitem discussão conseguimos organizar melhor o pensamento. [...] Nas aulas de ciência política, por exemplo, um tema é proposto na aula, como a questão do poder, onde discutimos Foucault e, então, assistimos ao filme *Estranho no ninho* e debatemos sobre poder a partir do filme, durante todo o início da aula, para só então entrarmos na teoria, que fica muito mais fácil por já termos discutido vários conceitos para tratar o filme.

Com esses depoimentos dos alunos do primeiro ano, podemos perceber que as dificuldades administrativas e burocráticas da universidade em relação a grade curricular pode afetar diretamente no aprendizado, em que os alunos talvez não possuam maturidade, no primeiro ano do curso, para decidir, sozinhos, qual disciplina está de acordo com seu conhecimento prévio sobre as ciências sociais e o que será mais proveitoso para sua formação.

Segundo apontaram alguns alunos, as metodologias escolhidas pelos docentes para ministrar suas disciplinas interferem diretamente na maneira como o aluno irá apreender o conteúdo. Para uma aluna, proveniente de Salvador/BA, matriculada no quarto ano, a maior deficiência da UNICAMP está em não haver aulas práticas que indiquem uma direção para a profissionalização das ciências sociais.

Há uma cultura acadêmica em que professores, desde o primeiro ano de curso, colocam as ciências sociais como puramente acadêmica e que gera um preconceito entre os alunos em relação à pesquisa, dos dados quantitativos, pesquisas de mercado... Há uma veneração da teoria, que impossibilita aproximar o olhar para outros possíveis. Os alunos não dão importância para a prática da pesquisa, o foco está na teoria⁷.

Para essa aluna, a teoria é importante, pois seria a base do curso, no entanto ela diz ter uma sensação de vazio no último ano ao pensar sobre tudo o que aprendeu e não saber como utilizar tal conhecimento.

⁷ Entrevista realizada no dia 18 de Novembro de 2009, nos corredores do prédio de aulas do IFCH.
Vol.4, nº2. mai. - jul. 2015.

Segundo ela, não há “construção de pontes” entre uma disciplina e outra, formando-se, então, pequenos núcleos, onde se estudam teorias diversas, que não se “misturam”, não dialogam tornando difícil a construção de um pensamento prático.

Em entrevista com uma aluna de origem africana, matriculada no terceiro ano do curso, por meio de intercâmbio, no qual a graduação é realizada integralmente, ela diz estar desapontada com o que encontrou no curso, pois não era exatamente o que ela esperava, mas pretende terminar e focar em algum tema de pesquisa. Segundo essa aluna, o curso é muito abrangente, o que o torna vago. Ela pretende se concentrar em algo que lhe seja mais interessante, dentro das ciências sociais que possa direcionar seu pensamento e começar a criar vínculos com sua formação.

Um aluno do quarto ano do curso, matriculado no período noturno, mostrou-se interessado em realizar a monografia de final de curso na área de antropologia, já que cursa o bacharelado da disciplina. Ele diz que é problemático o trabalho de monografia não ser obrigatório na UNICAMP, já que não há outra forma de trabalho de conclusão de curso. Diz ser importante haver tal trabalho para dar consistência a tudo que aprendeu. Afirma, ainda, que a pesquisa só ocorre em algumas disciplinas, como por exemplo, a visitação a campo, que é realizada, geralmente, por algum professor que possui pesquisa que envolva o local e, então, os leva para conhecê-lo.

Uma aluna do curso de ciências sociais do noturno, que já possui uma formação em outra graduação⁸, acredita que, a UNICAMP é

Muito mais elitizada do que a UNESP. A universidade tenta manter um nível intelectual maior que as outras universidades e possui graduando desse tipo, com vivência em outros países, fluente em mais de uma língua, com uma postura mais profissional. São alunos mais bem preparados.

No entanto, a estudante diz existir uma deficiência no curso em relação a palestras, filmes, projetos de extensão e quaisquer atividades extracurriculares no período noturno. Acredita que isso acontece pela importância da teoria na graduação e o foco que se dá à pesquisa posteriormente, sendo a graduação apenas um estágio para a pós-graduação.

Isso fica bem claro na postura do professor em sala de aula e na relação que mantém com os alunos. A UNICAMP é a melhor universidade para se fazer pesquisa, no entanto temos de esperar pela pós-graduação⁹.

⁸ A aluna é formada pela UNESP, campus de Araraquara, no curso de Administração Pública.

⁹ Entrevista com aluna colhida em 20 de novembro de 2009.

Essa estudante afirma que sua escolha pela graduação de ciências sociais na UNICAMP se deu pelo fato que existe a possibilidade do curso noturno e por “ter profissionais competentes”¹⁰ na sua área de interesse, que é sociologia do trabalho e marxismo.

Em suma, ao final da conversa a aluna disse que a graduação é o degrau para a Pós-Graduação, sendo esta a “melhor definição para o curso”¹¹.

A partir das informações obtidas mediante a entrevista, observamos que os alunos da UNICAMP sentem-se satisfeitos com a universidade, mas não são igualmente satisfeitos com o curso. Uma maioria se mostra “privilegiado” por estar na universidade que seria a mais significativa nos estudos de ciências sociais no estado de São Paulo, segundo imaginário construído pelos próprios alunos. No entanto os estudantes mostram que existe uma precariedade em relação ao próprio curso.

É possível afirmar que, dentre os entrevistados, uma maioria cursa as ciências sociais na UNICAMP visando à pós-graduação. E, na realidade, não é o curso de ciências sociais da universidade que seria o diferencial para esses alunos, mas o *status* social, o valor simbólico que é atribuído à universidade. Dessa forma, é possível concluir que o interesse pelos programas de pós-graduação oferecidos pela UNICAMP que os motivam e os levam a pensar que estão entre os melhores acadêmicos do país.

Os depoimentos demonstram suas escolhas e interesses em relação à universidade, fazendo com que seus discursos sobressaíam em uma exaltação da universidade e, conseqüentemente, sobre o curso, apesar de existir problemas como os que foram indicados pelos próprios alunos.

Os estudantes se mostram ansiosos para o contato com a pesquisa. Porém, internalizou-se o discurso acadêmico, presente nas universidades de que, pesquisa ocorre somente na pós-graduação.

Trabalho de campo na Universidade de São Paulo (USP)

O trabalho de campo no curso de graduação em ciências sociais na USP foi o mais árduo e onde mais tivemos dificuldade em estabelecer contato com os estudantes.

Os alunos apresentaram certo preconceito com relação às pesquisas quantitativas e observações que não fossem em comunidades nativas, “*onde realmente se encontra o outro*”¹². Também se mostraram apreensivos ao tentar iniciar um diálogo ou qualquer conversa informal sobre

¹⁰ Fragmentos do depoimento da aluna colhido em 19 de novembro de 2009.

¹¹ Fragmentos do depoimento da aluna colhido em 19 de novembro de 2009.

¹² Afirmação de uma estudante de quarto ano de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, entrevista cedida em 24 de Novembro de 2009.

a universidade e o curso de ciências sociais. Em um contexto geral, a maioria dos alunos, quando conseguíamos alguma forma de abordagem, pensava se tratar de uma pesquisa de primeiro ano de graduação. Por se tratar de um *survey* primeiramente¹³.

Faça o questionário com os alunos do primeiro ano, porque nós tivemos que fazer uma pesquisa nesses moldes também e sabemos não ser fácil [...] Se abordarem os alunos de primeiro ano todos irão participar, eles são mais solidários, por passarem por essa experiência também. Os alunos mais avançados no curso não se interessam por esse tipo de pesquisa¹⁴.

Os alunos veteranos foram mais hostis em relação à pesquisa proposta e a reflexão do próprio curso. Não se interessavam pelo tema e a maioria das pessoas abordadas dizia não se sentir à vontade para falar do próprio curso, que, na maioria das vezes, corresponde às expectativas salvo algumas exceções, como por exemplo, algumas aulas expositivas.

O curso corresponde às expectativas, o problema maior são as aulas expositivas com professores não muito animados nem didáticos. É difícil aguentar quatro horas de aulas expositivas com professores que não são dinâmicos. [...] O primeiro semestre corresponde à pesquisa quantitativa, o segundo trata da pesquisa qualitativa. Já no terceiro semestre o aluno escolhe uma área, a ciência política, a sociologia ou a antropologia, para realizar uma pesquisa que envolva as técnicas aprendidas nos semestres anteriores. É importante disciplinas como essa que nos dão orientação para a pesquisa¹⁵

Os alunos da USP, de uma maneira geral se apresentaram satisfeitos com o andamento do curso e com as metodologias de aula aplicadas, com exceção de algumas menções a professores que utilizam apenas aulas expositivas.

Apontaram também certa interação da graduação com a pesquisa e a extensão, onde realizam atividades diferenciadas, que lhes permitem a saída das salas de aula e o contato com a realidade por intermédio de trabalhos de campos que ocorrem ao longo do curso.

No entanto, não são todos os alunos que compartilham dessa perspectiva mais positiva em relação ao curso de ciências sociais na USP. Uma parcela de alunos que concordou em ceder seus depoimentos, mostrou-se crítico em relação ao curso e as formas com que as aulas são ministradas e até mesmo com a estrutura da grade curricular, que deixa a desejar em relação à pesquisa.

O que podemos perceber entre os estudantes de ciências sociais da USP é que eles tentam preservar e manter o *status* da universidade, que é nacional e internacionalmente conhecida como

¹³ Todos os depoimentos foram coletados de uma maneira informal, na medida em que aplicávamos os questionários e os estudantes de cada universidade que se interessavam pelo tema e correspondiam às inquietações e os diálogos iniciados participavam de maneira espontânea cedendo uma entrevista com seus depoimentos em relação as suas próprias experiências na graduação.

¹⁴ Depoimento de aluna de quarto ano de ciências sociais cedido em 23 de Novembro de 2009.

¹⁵ Fragmentos de depoimento de aluno de segundo ano de ciências sociais na USP. Entrevista concedida em 26 de Novembro de 2009.

uma das principais universidades brasileiras. Existe um mito criado ao redor da universidade. Como primeira universidade do país ela possui um campo acadêmico sólido e constantemente fortalecido entre seus pesquisadores, professores e estudantes.

Entre alguns existe certa pretensão e um discurso presente no silêncio, de que estão na USP e isso lhes basta. Ao mencionar essa impressão com um grupo de estudantes¹⁶ que se mostrou interessado no debate proposto, eles tiveram uma reação afirmativa.

Os depoimentos desses estudantes respondem ao silêncio presente entre a maioria de alunos abordados. Está presente no imaginário dos alunos a construção de uma redoma que protege e eleva a universidade a um patamar inalcançável.

O capital simbólico da USP lhes é muito caro e parece ferir o *ethos* da universidade e o ego dos próprios alunos que a contemplam como a universidade que só pelo seu nome já lhes são atribuídas as melhores oportunidades.

O trabalho de campo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

As entrevistas e questionários foram realizados na PUC/SP da mesma maneira que as demais universidades contempladas nesse trabalho. Foram selecionados alguns dias¹⁷ para observação, entrevistas e coleta de dados.

Primeiramente, chegamos à PUC um tanto que apreensivos, pois os primeiros contatos foram difíceis à medida que tínhamos que lidar com a burocracia e regulamentos da universidade que se mostrou mais fechada em relação às outras universidades pesquisadas.

Porém, após ultrapassar essas questões de cunho prático para realizar a pesquisa e conseguir a autorização para adentrar nos corredores e salas da universidade à procura do curso de ciências sociais e seus estudantes, nos deparamos com uma situação que nos foi surpreendente em relação ao nosso recebimento e ao interesse sobre o tema da pesquisa proposto.

Estudantes e professores se interessaram pela temática e como estávamos procedendo, os alunos desejavam participar das entrevistas e colocar seu ponto de vista em relação ao curso oferecido pela PUC.

¹⁶ Grupo de quatro alunos de terceiro e quarto ano do período noturno.

¹⁷ Os dias de trabalho de campo foram escolhidos entre Novembro e Dezembro de 2009, onde foram realizadas observações de uma semana em cada universidade nos devidos períodos que oferecem o curso de ciências sociais. Foram realizadas algumas visitas na universidade a fim de observar e colher depoimentos de alunos que se propuseram a discutir sobre a temática dessa dissertação.

Os docentes cederam minutos de suas aulas para aplicação dos questionários, e formularam perguntas sobre a pesquisa interagindo com os alunos sobre a reflexão do fazer ciências sociais¹⁸.

Os estudantes de ciências sociais da PUC/SP foram os que menos se preocuparam com a profissão, com o tornar-se cientista social. Além dos números apresentados nos questionários¹⁹, as entrevistas deixaram clara a importância que eles atribuem ao aperfeiçoamento cultural e intelectual.

Não acredito que as ciências sociais ofereçam uma formação profissional e, menos ainda, uma possibilidade de entrada no mundo do trabalho. Curso a graduação porque gostaria de aumentar e aprimorar o meu conhecimento cultural e intelectual. Não tenho pressa de trabalhar, penso em me formar primeiro nas ciências sociais, mas acredito que quando for procurar emprego terei de me especializar em outra área ou até mesmo buscar outra graduação²⁰.

Porém, existem alguns estudantes que pensam no mundo do trabalho, relacionando-o ao curso de Pós-Graduação.

Dentre os entrevistados, alguns alunos manifestaram o interesse em se formar na PUC/SP e realizar mestrado e doutorado na própria universidade e, outros, que desejam formar-se e buscar a Pós-Graduação em universidades públicas.

O sentimento de ausência da prática da pesquisa também está presente entre os estudantes da PUC/SP. Alguns apontam para a falta de disciplinas mais direcionadas, como o trabalho de campo para a antropologia.

Faltam, também, recursos que possibilitem a compreensão dos métodos das ciências sociais, como um todo, e a realização de disciplinas práticas que permitam a apreensão do que seja a observação participante, como nos mostra um aluno de terceiro ano.

Apesar de termos um bloco de disciplinas na grade que são voltadas para a pesquisa, muitas delas são sobre técnicas e normas de trabalho científico. Só técnicas não ajudam se não tiver a metodologia, a “mão para saber realizar a coisa”, de nada servem as técnicas se não tiver o método que consolide a pesquisa. Falta irmos a campo, e “colocar a mão na massa” efetivamente²¹.

Os estudantes da PUC/SP se mostraram mais despojados e desinteressados, no sentido da educação desinteressada²², proposta por métodos educacionais alternativos à educação tradicional. A

¹⁸ O que não ocorreu nas demais universidades. Com exceção de um professor da Universidade de São Paulo, por possuir uma pesquisa individual sobre o perfil dos estudantes da USP.

¹⁹ O total de questionários mostrou que 44,2% têm interesse na formação intelectual e cultural que o curso pode oferecer.

²⁰ Entrevista realizada com aluno matriculado no segundo ano do curso de ciências sociais da PUC/SP no dia 30 de Novembro de 2009.

²¹ Entrevista realizada no dia 04 de Dezembro de 2009.

²² Conceito de educação desinteressada no sentido colocado por Gramsci na proposta da escola unitária. Ver GRAMSCI (1978 e 1991).

maioria de seus alunos parece cursar as ciências sociais por interesses culturais, para conhecer teorias e refletir sobre o ser e estar na sociedade.

Obviamente possuem consciência de que precisam de formação mais prática e de que o curso não é apenas um *hobby*²³. Os estudantes não são alienados com relação à realidade do curso. Pelo contrário, uma maioria se mostra consciente de que o curso na PUC/SP possui falhas, por não oferecer uma integração entre teoria e prática ou uma educação interdisciplinar.

Entretanto, os problemas que o curso apresenta e a falta de perspectiva em relação à carreira profissional gera diferentes comportamentos e formas de se pensar o curso entre os estudantes da PUC/SP.

Eles não visam um aprendizado utilitarista com resultados imediatos. Desejam, pois, uma formação de caráter humanista, sem pressa para ingressar no mundo do trabalho. Também possuem interesse de ingressar carreira acadêmica na pós-graduação.

Existe uma consciência coletiva entre nós, de que a carreira nas ciências sociais demora a acontecer. De imediato, pensamos na nossa formação, que é essencial para, então, partirmos para o mercado de trabalho²⁴.

As constatações dos alunos são semelhantes às constatações dos estudantes das demais universidades. A diferença encontra-se na maneira de lidar com a situação.

Aparentemente, ao invés de causar um possível “mal estar” e ansiedade para concluir o curso e determinar a carreira profissional, os estudantes da PUC/SP demonstram paciência e usufruto do presente curso.

Uma espécie de clareza quanto às possibilidades que a futura carreira lhes oferece.

O trabalho de campo na Universidade Estadual Paulista campus de Marília (UNESP/Marília)

Em continuidade ao trabalho de pesquisa nos cursos de ciências sociais realizamos as entrevistas na UNESP/Marília em novembro de 2009, além da participação em disciplina e observação do cotidiano dos estudantes.

²³ Afirmação de um entrevistado matriculado no segundo ano.

²⁴ Entrevista com dois alunos do segundo ano do curso de ciências sociais na PUC/SP.

O que nos permitiu, mediante a observação participante²⁵ durante uma disciplina ofertada no segundo ano de ciências sociais da UNESP/Marília, a necessidade dos alunos em compreender certas teorias no contexto da realidade.

A participação ocorreu em sala de aula, por meio do estágio de docência, auxiliando a professora em atividades burocráticas, que deveriam ser cumpridas durante as aulas, como por exemplo, o controle de frequência e o conteúdo e organização de grupos de trabalho. Participávamos das aulas, ouvindo os alunos, observando seus questionamentos em relação ao curso e verificando a ansiedade que tinham de ir a campo.

Como requisito dessa disciplina, foi marcada então, uma “visita técnica” ao Movimento dos Sem Terra (MST), no Assentamento Reunidas, no município de Promissão²⁶, que ocorreu nos dias 20 e 21 de junho de 2009.

Foi um final de semana frio e chuvoso que trouxe bastante dificuldade para a realização da atividade. Os alunos tinham que levar colchonete, enxoval de cama e banho, além de seus objetos pessoais. Os alunos ficaram alojados em um prédio na agrovila Campinas, onde havia uma escola de Ensino Fundamental para as crianças assentadas. As instalações não eram grandes o suficiente para acomodar os alunos, que chegavam ao número de oitenta (alunos de segundo ano das ciências sociais, do período matutino e noturno), além de mais algumas pessoas que, por pesquisarem a temática, foram autorizados a nos acompanhar.

O horário de saída da universidade foi marcado para as oito horas da manhã do sábado. Alguns alunos não puderam ir por conta de seus trabalhos, mas se dispuseram a ir no domingo, com transporte particular.

Poucos alunos não participaram da viagem alegando motivos pessoais²⁷. Ainda assim, o número de participantes indica certa vontade e ansiedade de estar em contato com a realidade, em realizar trabalho de campo, para vivenciar e construir suas próprias experiências.

Após chegarmos ao local, todos puderam realizar seus percursos individuais pela agrovila, buscando informações para a pesquisa que realizariam na volta à universidade.

²⁵ A disciplina Fundamentos de Geografia, ministrada no primeiro semestre de 2009, foi escolhida para realização do estágio de docência por propor um trabalho de campo junto a um Assentamento do movimento dos sem terra (MST).

²⁶ Promissão é uma cidade do interior de São Paulo a, aproximadamente 90 km de distância do campus da UNESP/Marília.

²⁷ A atividade não era obrigatória pelo fato de haver o deslocamento para outra cidade, além de os alunos terem de pagar o valor de quinze reais para a compra de mantimentos e um auxílio financeiro para a merendeira da escola que se dispôs a trabalhar no sábado e no domingo da visita a fim de fazer as refeições para o nosso grupo. Portanto, a professora decidiu deixar a atividade como sendo livre em casos de dificuldades que os alunos poderiam ter para realizar a viagem.

Atividades como essas, nem sempre são tão claras para os estudantes, que não compreendem porque uma atividade prática, tão defendida e divulgada no campo teórico do curso, só chega a acontecer no segundo ano e, por uma disciplina considerada complementar e, não por uma das principais áreas que compõe as ciências sociais: a antropologia.

O curso de ciências sociais em Marília não oferece uma formação consistente em relação à antropologia e o trabalho de campo. Apenas com a atividade da disciplina de geografia com a viagem ao Movimento do Sem Terra em Promissão que corresponde nesse aspecto. [...] E, levando os alunos para conversarem com essas pessoas faz com que ele saia do seu eixo. É uma experiência que faz com que o aluno saia do mundo que é a universidade e equilibre sua experiência teórica com a realidade²⁸.

Com relação ao trabalho de campo, verificamos uma urgência dos alunos de segundo ano em participar dessa atividade. Esse sentimento também é percebido pelos alunos de outros anos do curso. Alguns se recordam com certo saudosismo do trabalho realizado na disciplina de geografia.

Sou aluna de quarto ano das ciências sociais, escolhi pelo bacharelado com ênfase em antropologia. Minha pesquisa é voltada a questão das mulheres na cidade de Marília. Tenho muita dificuldade de ir a campo, não sei como lidar com certas situações. [...] Se tivéssemos tido oportunidade de um trabalho como este nas disciplinas de antropologia, voltado especificamente a questão de como fazer o trabalho de campo, penso que meu TCC teria menos problemas do que tem agora em relação ao método²⁹.

Analisando os depoimentos dos alunos, de uma maneira geral, podemos afirmar que os cursos de ciências sociais, especialmente as disciplinas de antropologia, não conseguem suprir a necessidade dos estudantes de apreender de forma efetiva o que seja o trabalho de campo e de que maneira ele pode ser iniciado pelos aprendizes.

A falta de disciplinas e atividades, que ofereçam esse aprendizado, afeta diretamente na formação do aluno e, sobretudo na sua identidade profissional que, conseqüentemente, reflete na visão que tem sobre as ciências sociais e em suas expectativas sobre como se tornar um cientista social, supostamente pronto a atuar na sociedade.

Entre os estudantes da UNESP/Marília a queixa maior ocorre em relação à infraestrutura do curso, pela falta de professores, especialmente antropólogos.

Os estudantes denunciam, em seus depoimentos, as condições do trabalho docente na UNESP/Marília e os problemas que surgem no decorrer das atividades, impedindo o andamento do curso.

O professor substituto torna-se um problema para o curso, pois as condições de trabalho o impedem de realizar um trabalho contínuo entre os alunos. Não existe vínculo, o professor não

²⁸ Entrevista realizada no dia 20 de junho de 2009.

²⁹ Entrevista cedida no dia 05 de Novembro de 2009.

conhece o cotidiano de seus alunos e, por sua vez, os estudantes não têm acesso livre ao professor. Pois, o contrato do substituto não é exclusivo, cumprindo apenas hora/aula na universidade, prejudicando a prática da pesquisa.

Outro problema é a falta de professores. São poucos para atender aos alunos. E, mesmo se os professores se dispusessem para atender toda a demanda de alunos que cresce cada vez mais, principalmente os interessados pela antropologia, a grande quantidade prejudicaria a qualidade da pesquisa. A disciplina seria paliativa³⁰.

A falta de professores parece ser o que há de maior incômodo entre o alunato. Porém, ao analisarmos o curso, podemos afirmar que a falta de docentes no curso de ciências sociais da UNESP/Marília não é o causador de todos os problemas. Pois, problemas apontados pelos alunos, como por exemplo, a falta de disciplinas práticas voltadas à pesquisa não ocorre somente pela falta de professores, mas, pela estrutura da grade curricular e a maneira como o curso é compreendido por esse corpo docente.

Por outro lado, não podemos ignorar que a situação é um agravante, que acentua a ausência de grupos de estudos e de pesquisas, dificultando a prática da orientação e dedicação à graduação pelos docentes.

Considerações Finais – Análise da observação participante nas Universidades Paulistas: USP, PUC/SP, UNESP/Marília e UNICAMP.

Em análise à experiência vivida nas quatro universidades contempladas pela pesquisa, durante determinado período, no segundo semestre de 2009, podemos realizar breves considerações.

Nota-se que existe uma disputa de capital simbólico obtido pelas universidades, o que é disseminado pelos estudantes.

No entanto, é possível perceber que essas disputas são mais intensas entre os estudantes da USP e UNICAMP. Pois, estes demonstram mais interesse pelo *status* que suas respectivas universidades ocupam e o valor que lhes são atribuídos pela sociedade.

Além desse interesse acerca do *status* que a universidade possui, também em relação ao campo acadêmico, percebemos que, indiretamente –, tanto estudantes da USP, quanto estudantes da UNICAMP –, ao mencionarem sobre as condições do curso ou da própria universidade, o fazem comparando-os em relação a uma ou a outra.

³⁰ Entrevista com aluna do quarto ano de ciências sociais em 06 de Novembro de 2009.

Em exemplo, alunos da UNICAMP ao afirmarem que o capital intelectual entre seus alunos é mais elevado que às demais universidades, na realidade, o mensuram em relação à USP. O mesmo ocorre em relação ao alunato da USP, que não se mostravam à vontade para debaterem o próprio curso, mas se interessavam pelo andamento da pesquisa em outras universidades, sendo que o maior interesse era pela UNICAMP.

Podemos falar em uma concorrência, ainda que indireta, entre estudantes das duas universidades, pelo fato de se sentirem privilegiados por fazerem parte do corpo discente das duas universidades.

Entre os estudantes da PUC parece não haver preocupação nesse sentido. Não fazem competição com alunos das outras universidades. Em seus depoimentos, preocupavam-se efetivamente com o próprio curso e a própria formação. Mostravam-se modestos ao enaltecer a universidade, porém, satisfeitos por estarem ali. Apesar das dificuldades que apontaram existir no curso, uma maioria acredita, por exemplo, que a formação obtida seria suficiente para concorrer com os demais cientistas sociais a vagas de pós-graduação em universidades públicas.

Os estudantes da UNESP/Marília mostram-se alheios ao circuito USP, PUC/SP e UNICAMP. Possivelmente pela universidade estar situada no interior do estado de São Paulo, distanciando-se geograficamente da realidade das demais universidades e, portanto, das discussões que ocorrem no campo acadêmico e intelectual por meio de eventos e grupos de pesquisa que se articulam mais frequentemente entre elas. A preocupação maior entre os alunos da UNESP/Marília refere-se à infraestrutura do curso e à qualidade de sua formação.

É perceptível que as disputas aqui apontadas, ocorrem por inúmeros fatores, dentre eles, desvantagens em relação ao tamanho do curso e ao tamanho do corpo docente, mas também recaem nos demais quesitos, como por exemplo, a qualidade do ensino e a forma como a universidade conduz a questão da pesquisa.

Referências Bibliográficas

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Entrevista. Lévi-Strauss nos 90. A antropologia de cabeça para baixo*. Mana v. 4, n. 2, Rio de Janeiro, 1998.

DAMATTA, Roberto. *O ofício de etnógrafo, ou como ter “anthropological blues”*. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MAYBURY-LEWIS, David. *A antropologia numa era de confusão*. Revista brasileira de ciências sociais, vol. 17 n. 50, p. 15-26, 2002.

SILVA, Lorena Holzmann. *Novas oportunidades para os cientistas sociais*. In: PESSANHA, Eliana G. da Fonte; BÔAS, Gláucia Villas (orgs). **Ensino e Pesquisa na graduação em ciências sociais**. Rio de Janeiro: J. C. Editora, 1995.